

O brinquedo como construção da linguagem e da experiência na infância

CEZÁRIO, Angélica Maria
mac_angelica@hotmail.com
GT 10: Filosofia
Esquema do pôster

Resumo: Este trabalho refere-se às primeiras reflexões de uma pesquisa de dissertação de mestrado que está sendo realizada no PPGE – PUC Goiás, da linha de Educação Sociedade e Cultura. Tem como objeto a análise o modo em que o brincar pode funcionar como espaço da experiência e construção da linguagem da criança na Educação Infantil. Busca abordar na história, filosofia e psicologia as contribuições do brinquedo na educação e a forma em que ele pode ser tomado para a linguagem, utilizando livros, artigos e outros materiais publicados. Dentre essas fontes, podemos relevar as observações do historiador Michel Manson (2002) para discutir a trajetória do brinquedo na pedagogia, e as concepções de infância que foram surgindo durante os séculos, pois elas nos mostram como o conceito de infância pode configurar os modos de brincar. Já o filósofo Rousseau (2009), com seu livro *Emílio ou da Educação* nos evidencia como a pedagogia Iluminista se aproxima de alguns ideias presenciados hoje. Ainda mais, Walter Benjamin (1984) nos ajuda a pensar a linguagem construída pelo ato de brincar e a importância de utilizar a narração para transformar um ato vivido em experiência.

Introdução

Muitas teorias, atualmente, têm se preocupado em investigar a construção da linguagem na infância, principalmente por que a Educação Infantil tem permeado espaços de discussões que anteriormente não tinha. A criança tem ganhado relevância social, e os aspectos que a cerca não podem deixar de ser pensados. Nesse patamar, a aquisição da língua materna, a leitura e a escrita são conteúdos bastante valorizados nos anos iniciais da escola, e embora a Educação Infantil não lide de maneira formal com estes conteúdos, não deixa de ser um período introdutório desses elementos.

Dessa forma, podemos indagar: de que forma a criança da Educação Infantil pode construir a sua linguagem e experiência? Essa pergunta pode nos gerar inquietações a respeito de como a criança pode se compor como um sujeito portador de linguagem, e que experiencia o mundo com suas sensações.

O brinquedo, a linguagem e a experiência

A relação entre conhecimento e ludicidade não é um assunto tão atual, pois Michel Manson (2002) em seu livro *A história dos brinquedos e dos jogos* nos mostra que os brinquedos mudam de significados durante as épocas. Antigamente, as crianças não eram as únicas a desfrutarem da descontração que o brinquedo poderia proporcionar, pois as comunidades de adultos brincavam com jogos tradicionais nas festividades representando personagens respeitados entre os grupos sociais. Os brinquedos eram cheios de significados místicos, feitos especialmente de artesanato demonstrando pouca tecnologia em sua fabricação; mas mesmo com suas formas rústicas eram capazes de atrair as pessoas.

Por volta do século V, os adultos abandonaram os jogos e brinquedos por causa das novas exigências da sociedade. As crianças passaram a adotar a prática de brincar dos adultos e acabaram caracterizando a brincadeira como uma ação culturalmente infantil, como um modo de proceder frívolo de pessoas com “poucas preocupações”. Como a infância era um

período da vida considerado de pouco valor, os brinquedos expressavam a falta de prestígio em relação à infância. Eram considerados objetos quase inúteis, salvo na função de acalmar a criança em seu período de agitação, pois o brinquedo era contemplado como um meio de promover a fantasia aproximando a criança dos devaneios. Na maioria das vezes, era mais visto como um objeto desvirtuoso e que poderia atrapalhar as crianças de interagirem com o mundo real.

Contudo, no século XVIII, segundo as observações de Ariès (1984), é que a criança ganha uma elevação maior na sociedade, pelo fato do homem “inventar” as idades. Ela passaria então a ser diferenciada da vida adulta e rompe um pouco com a imagem que carregava: a de ser idealizada como adulto anão. Nesse mesmo momento, os pedagogos franceses começam a se atentar na relação da criança com o brinquedo entendendo que ele poderia ser um instrumento para treinar habilidades, já que a criança era um ser considerado incompleto e que necessitava de educação. O brinquedo passa a ser utilizado com a finalidade de treinar o corpo, transferir conteúdos e lições.

Com a chegada da pedagogia Iluminista, principalmente com as elaborações de Rousseau (2009), a criança é pensada de uma outra maneira, diferente da que havia sido tomada. Rousseau introduz um sentimento de infância e de maternidade que a sociedade não havia experimentado, trazendo uma série de sugestões de cuidados para a criança e um modelo de educação mais próximo às necessidades infantis. Esse filósofo foi o primeiro pensador a enxergar a infância como um período de bondade, um período em que a criança deveria ser educada e respeitada conforme suas limitações. A pedagogia Iluminista reafirma o que os pedagogos franceses haviam previsto em relação ao brinquedo como instrumento de aprendizagem e transferência de valores, mas contribui para dar um lugar especial para a criança na família: um espaço de afetuosidade. Embora Rousseau tenha pensado em uma educação na infância cheia de especificidades, Walter Benjamin (1984) aponta que a pedagogia Iluminista cooperou para a propagação do ideal de que o brinquedo pudesse ser concebido a favor da aprendizagem, no qual as crianças aprenderiam por meio das brincadeiras.

Benjamin não considera que o jogo e as brincadeiras podem servir somente a aprendizagem, mas também podem ser um tipo de linguagem que envolve o corpo, ou seja, um tipo de linguagem mimética que envolve movimentos do corpo e também símbolos. Ele nos mostra que a linguagem tem sua origem na gestualidade, pois as primeiras manifestações linguísticas encontradas nas histórias partem da capacidade de representação corporal que os povos primitivos carregavam. Como a infância é um período de em que as crianças utilizam o corpo intensamente para se expressar nas brincadeiras e também um momento da ausência da fala, logo, pode ser um período de construção da linguagem, já que as crianças conseguem dramatizar suas brincadeiras e utilizar símbolos para dar sentido de suas histórias. As comuns brincadeiras, onomatopéias, ações miméticas e imitações da criança podem funcionar como elementos de construção da linguagem por meio dos símbolos e objetos que ela utilizar para brincar.

É importante ressaltar que a experiência da construção da linguagem pode ser significativa, se pensada como um meio de aquisição de língua de maneira em que as crianças podem atribuir significados ao mundo que a cerca; construindo subjetividades favorecendo a experiência humana. Pensando dessa forma, podemos conceber que a experiência pode ser realizada na escola, fazendo da trajetória escolar uma elaboração não só para os conteúdos, mas para a vida.

Nesse recorte, podemos entender que nem tudo pode ser transformado em informações, pois o homem não é constituído somente de consciência e razão. Ele não é um amontoado de vivências desconexas com seu mundo interior, mas uma trama de sentimentos e sentidos envoltos na sua experiência do passado. Quando trazemos essa reflexão para a

Educação Infantil, podemos entender que preencher os alunos com inúmeras informações é insuficiente para promover uma educação plena e cheia de significados.

Metodologia

Esta pesquisa, de natureza bibliográfica, sido realizada em um estudo sobre as implicações que o brincar na infância possui, buscando abordar as complexidades destes aspectos inerentes à educação para serem examinadas com criticidade. Tem por apoio leituras específicas para que os problemas descritos no trabalho sejam investigados para desenvolver o tema, tendo em vista que a leitura especializada se transformará no alicerce da pesquisa embasando os conceitos a serem trabalhados.

Para tanto, os conteúdos da pesquisa serão obtidos por meio de materiais já publicados com a finalidade de serem analisados não se detendo a um trabalho meramente descritivo, mas em um “tecido” de conceitos e diálogos entre os autores descritos neste projeto e outros mais.

Considerações finais

Pensando nos moldes de Walter Benjamin a respeito da linguagem e infância, é de extrema importância que a Educação Infantil de hoje faça a reflexão de como o espaço da experiência infantil tem sido propiciado nas instituições educativas. O ambiente escolar não pode somente um espaço de transmissão de conteúdos, ainda mais quando pensamos que a criança talvez está vivenciando o período mais rico em situações: a infância.

É na brincadeira que a criança pode quebrar a barreira do compreensível adquirindo formas de simbolização, e isso influenciará fortemente o modo em que ela irá compreender a linguagem. Uma forma que esta linguagem pode adquirir é a de elaboração da experiência humana por meio da narração de histórias. Quando uma criança narra aquilo que experienciou, não está descrevendo apenas suas vivências mais interessantes, mas está elaborando a experiência que viveu fazendo daquilo que foi experimentado algo a ser comunicado.

Sem dúvida, a educação pode optar por lidar ou não com o conhecimento como se fosse mercadorias rápidas e que se vão juntamente com a informação, ou produzir processos em que o aluno se implique no processo de construção da experiência. A escola pode ser um lugar de trocas de experiências, onde o educando transforme e possa ser transformado pelo/no espaço em que convive; um espaço rico em transmissão e ressignificação da história. Pensando dessa forma, as rodas de conversas, as histórias na sala de aula, os recontos e outros, não ganham mais um sentido corriqueiro durante as aulas, mas recursos fundamentais para que a criança venha avançar e se compor como sujeito da linguagem.

Referências

AGAMBEM, Giorgio. **Infância e História: destruição da Experiência e Origem da História**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.

BENJAMIN, Walter. **A criança o brinquedo a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

_____ *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* São Paulo: Brasiliense, 1994.

CERIZARA, Ana Beatriz. **Rousseau: a educação na infância.** São Paulo: Scipione, 2008.

D'Angelo, Martha. **Arte, política e educação em Walter Benjamin.** São Paulo: Loyola, 2006.

DONZELOT, Jacques. **A Polícia das Famílias.** Rio de Janeiro: Graal, 1986.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história.** Rio de Janeiro: Imago, 2005.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

MANSON, Michel. **História do Brinquedo e dos Jogos: brincar através dos tempos.** Lisboa: Teorema, 2002.

MOROZ, Melania. GIANFALDONI, Mônica Helena T. Alves. **O processo de pesquisa: iniciação.** Brasília: Plano, 2002.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Caminhos da construção da Pesquisa em Ciências Humanas.** In: OLIVEIRA, P. S. (org). **Metodologia das Ciências Humanas.** São Paulo: Hucitec/UNESP. 1998.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação.** São Paulo: Martins Fontes, 3ª ed., Trad. Roberto Leal Ferreira, 2009.

SOUZA, Jobin Solange. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin.** São Paulo: Papyrus, 2009.